

---

# Variação e mudança no domínio funcional da negação

Maria Angélica Furtado da Cunha

## *Resumo*

*A existência da negação pós-verbal nas línguas românicas tem sido explicada pela teoria do contato com línguas africanas. Este trabalho busca apresentar evidências de que a emergência da negativa dupla e da negativa final no Português do Brasil (PB) é resultado de um processo de mudança, motivado pela atuação de pressões rivais sobre o sistema lingüístico. A análise combina dados sincrônicos e diacrônicos e toma como suporte teórico o modelo das motivações competidoras, tal como formulado por Haiman (1985), Du Bois (1985) e Givón (1995) no contexto da Lingüística Funcional Contemporânea.*

*Palavras-chave: variação; mudança; negação; funcionalismo.*

## Introdução

Estudos sobre a negação oracional têm atribuído a existência de negativas duplas e finais nas línguas românicas à teoria do contato com línguas africanas. Neste trabalho argumento que a emergência da negativa dupla e da negativa final no português do Brasil (PB) é resultado de um processo diacrônico, independentemente motivado pela atuação de pressões rivais sobre o sistema lingüístico. A análise combina dados sincrônicos e diacrônicos, no que se caracteriza como uma abordagem pancrônica, e toma como suporte teórico o modelo das motivações competidoras, tal como formulado por Haiman (1985), Du Bois (1985) e Givón (1995) no contexto da Lingüística Funcional Contemporânea. A conclusão é que as estratégias inovadoras de negação representam estágios sucessivos de reanálise. A posição estrutural do marcador negativo aponta para um processo de variação/mudança na ordenação vocabular das construções que codificam o domínio funcional da negação.

A análise sincrônica tem como fonte de dados básica o *Corpus Discurso & Gramática (D&G)*, composto por textos orais e seus correspondentes escritos produzidos pela comunidade estudantil de diferentes cidades do Brasil: Natal (RN), Rio de Janeiro (RJ), Niterói (RJ), Juiz de Fora (MG) e Rio Grande (RS). Foram ainda consultados outros bancos de dados representativos da variedade falada no Rio de Janeiro (*PEUL – Amostras do português falado no Rio de Janeiro e Banco de dados interacionais*), Fortaleza (*A linguagem falada em Fortaleza*), Salvador (NURC – *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*) e uma amostra do português europeu atual (*Português fundamental*), a fim de verificar a ocorrência das negativas em foco. Como evidência adicional, foram ainda examinadas uma crônica de Rubem Braga e de Fernando Sabino.

Na análise diacrônica da negação, procedi ao levantamento das negativas em textos representativos do português escrito arcaico (do século XIII até meados do XVI): *A demanda do Santo Graal*, *Auto do pastoril português*, *Obras-primas do teatro vicentino*, *Obras completas* de Gil Vicente, *Crestomatia arcaica*, *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, *Um tratado da cozinha portuguesa do século XV*, *Crônica de D. Pedro I* e *Crônica de D. Fernando*. Foram ainda verificados dois outros textos do português moderno: *Auto dos dous ladrões* (segunda metade do século XVI) e *A vingança da cigana* (século XVIII).

### Estratégias de negação no português

O português do Brasil exhibe três estratégias de negação oracional:

a) a negativa canônica pré-verbal *não* + SV:

(1) ... a nova regente... ela **não tava sabendo** reger direito...  
(*Corpus D&G/Natal*, fala, 2º grau, p. 278).

b) a negativa dupla *não* + SV + *não*:

(2) ... e um motorista dele... nesse tempo ele... num era... **num era um motorista dele não...** era do hotel... (*Corpus D&G/ Natal, fala, 2º grau, p. 244*).

c) a negativa final SV + *não*:

(3) ... tudo eu faço... sabe? **tem isso comigo não...** (*Corpus D&G/ Natal, fala, 2º grau, p. 264*).

O quadro abaixo exhibe a distribuição das estratégias negativas nos diferentes *corpora Discurso & Gramática*, de acordo com a modalidade do texto:

**QUADRO 1: Distribuição dos tipos de negativa por modalidade de texto nos corpora D&G**

<i>Corpora D &amp; G</i>	FALA			ESCRITA		
	não+SV	não+SV+não	SV+não	não+SV	não+SV+não	SV+não
Natal	1656	180	11	196	1	0
RJ	886	81	2	327	2	0
Niterói	161	14	0	52	0	0
JF	301	51	1	70	0	0
RG	267	0	0	77	0	0
Total	3271	326	14	722	3	0

Os números dispostos no QUADRO 1 permitem duas constatações: em primeiro lugar, não foi registrada nenhuma ocorrência da negativa dupla ou da final nos dados da cidade do Rio Grande, assim como também não há negativa final no *corpus* de Niterói. Não se pode ter certeza de que essas construções não estão presentes nessas variedades regionais ou se não apareceram nos dados porque os contextos que favorecem seu uso não se fizeram presentes nas amostras examinadas. Em segundo lugar, fala e escrita diferem com relação à ocorrência dos padrões negativos: enquanto todas as três estratégias estão presentes na oralidade, nos textos escritos a negativa dupla só apresenta 3 ocorrências e a negativa final não ocorre. Essa distribuição reflete a trajetória de emergência das negativas dupla e final, que se manifestam primeiramente no discurso falado. O registro mais formal, nesse caso, a língua escrita, evita os novos padrões.

A baixa frequência de negativas finais nos *corpora D&G* parece estar relacionada ao instrumento de coleta de dados usado – gravação de relatos produzidos pelos falantes, com pouca tomada de turno pelo interlocutor, que apenas estimulava o falante ou mudava o assunto da entrevista. A observação empírica do português falado revela que a negativa final ocorre, preferencialmente, como resposta a perguntas diretas. Foi constituído, então, um novo banco de dados, o *Banco conversacional*, que representasse uma amostra de conversação natural entre falantes natalenses com um certo grau de familiaridade.

Comparando os resultados do *Banco conversacional* com os do *Corpus Discurso & Gramática* de Natal, temos os seguintes números:

**QUADRO 2: Distribuição dos tipos de negativa na modalidade oral por banco de dados**

Banco de dados	não+SV	não+SV+não	SV+não	Total
D & G/Natal	1656 (90%)	180 (9,4%)	11 (0,6%)	1847 (100%)
Conversacional	308 (66%)	96 (21%)	62 (13%)	466 (100%)

Vale ressaltar que os dados extraídos do *Corpus D&G/Natal* correspondem a 20 horas de gravação, enquanto as negativas do *Banco conversacional* equivalem a 7 horas de gravação apenas. Esses números tendem a confirmar nossa hipótese inicial de que a fala espontânea – a conversação – favorece a ocorrência da negativa final, cujo contexto de uso favorecedor é o de pergunta – resposta.

Os outros bancos de dados utilizados na pesquisa apresentaram os números dispostos no quadro seguinte, que comprovam o uso das três estratégias de negação na fala do Rio de Janeiro e de Fortaleza.

**QUADRO 3: Distribuição dos tipos de negativa em outros corpora**

Corpora	não+SV	não+SV+não	SV+não	Total
BDI (Roncarati)	513 (80%)	102 (16%)	25 (4%)	640 (100%)
Amostras ... (Paiva)	951 (81%)	205 (18%)	11 (1%)	1167 (100%)
Fortaleza	1275 (77%)	273 (17%)	99 (6%)	1647 (100%)
Salvador	460 (95%)	22 (5%)	0	482 (100%)

A não-ocorrência da negativa final no *corpus* de Salvador provavelmente está relacionada à natureza desse banco de dados, que não representa conversação natural espontânea. A mesma possibilidade pode ser aventada para a ausência de negativas duplas no *Português fundamental*. Não se pode garantir que esse padrão negativo não seja usado no Português Europeu (PE) apenas porque não foi atestado na amostra examinada. CUESTA & LUZ (1971, p. 546) citam exemplos de orações negativas em que “o advérbio *não* vai normalmente a seguir a forma negativa do verbo, em vez de só precedê-la”. Embora não faça menção à negativa dupla, MIRA MATEUS (1983, p. 155) distingue o PB do PE com base no fato de que “a norma brasileira admite o uso exclusivo de não em posição pós-verbal”.

O exame de outros tipos de texto escrito, além do *Corpus D&G*, atesta a presença da negativa dupla e mesmo da final. Em Braga (1978) podem-se ler, por exemplo:

(4) Ela disse que eu estava lhe fazendo “um galanteio gaio-to”; mas não deve ter ficado aborrecida, porque me fez um elogio:  
- **Você não é burro, não.** (p. 247)

(5) - Mas francamente, você não tem vergonha de acompanhar essa besteira de novela?  
- **Não sou eu não, são as crianças.** (p.319)

Em Sabino (1983), encontramos, entre outras:

(6) - Preso, eu? - o motorista recuou, estarecido: - Que é que eu fiz?  
- **Não foge não** - e o guarda o segurou pelo braço. (p. 40)

- (7) - Foi o guarda que mandou. Que é que eu havia de fazer?  
Agora diz que eu estou preso.  
-A gente dá um jeito nisso.  
(...)  
- **Acho que não vai ter jeito não**, doutor. O guarda tá certo. (...) (p. 41)

A Revista *Bundas* registra várias ocorrências de negativas duplas, tanto na seção de crônicas quanto na de entrevistas, como:

- (8) Não são dúvidas simples, acredite. Experimente consultar os seus alfarrábios futebolísticos atrás de uma resposta satisfatória para a última dúvida. **Não experimente não**, é inútil. (Sérgio Augusto, *Bundas* ano 1, nº 39, 14 a 20/3 de 2000)
- (9) Repórter: Você já faz [um trabalho] pra televisão pensando numa linguagem pra cinema? Imagino que tenha uma aproximação.  
Nelson Pereira dos Santos: Tem, tem. Mas **não pensei nisso pra cinema, não**. (*Bundas* ano 1, nº 39, 14 a 20/3 de 2000)

As ocorrências de negativa final, nesta revista, se restringem à cláusula *Sei não*, já cristalizada:

- (10) Condores, cadê a lenga-lenga sobre hierarquia? **Sei não**, mas desconfio que esse condor entrou de frango na merenda superfaturada da dupla Mamaluf e Pittanic. (Aldir Blanco, *Bundas* ano 1, nº 50, 30/5 a 5/6 de 2000)
- (11) "Ihhh, dois bracinhos na cintura!... **Sei não, sei não...**" (Ziraldó, *Bundas* ano 1, nº 30, 11 a 17/1 de 2000)

Essas ocorrências mostram que as negativas dupla e final podem ocorrer no registro escrito mais informal, se o contexto de uso favorecedor desses padrões se fizer representado, ou seja, o diálogo.

Na tentativa de interpretar a origem e o desenvolvimento dos mecanismos de negação no PB propus-me buscar evidências diacrônicas desses mecanismos, com o fim de: a) localizar o período de emergência, na história interna e externa do PB, do segundo morfema *não* na sentença negativa, como elemento enfático; b) identificar as condições discursivas e sintáticas em que o segundo morfema *não*, apostro à sentença negativa como elemento meramente enfático e dela separado por vírgula na escrita, é reanalisado como elemento constituinte do Sintagma Verbal.

Das 5151 ocorrências de orações negativas no *corpus* do português arcaico, apenas 7 são do tipo *não* + SV + *não*. Esses números não surpreendem, pois, apesar de os gramáticos declararem ser comum o uso da dupla negação nesse período, há que se levar em conta que os resultados aqui apontados se baseiam no registro escrito, formal portanto. Como demonstrou a análise sincrônica, a modalidade escrita desfavorece a ocorrência das negativas dupla e final. Além disso, a dupla negação a que se referem os gramáticos é constituída pelo morfema *não* antes do SV e um

outro termo negativo, diferente de *não* (*nenhum, nada*, por exemplo), após o SV, enquanto estamos considerando como negativas duplas aquelas em que ocorrem dois marcadores *não*, um precedendo e o outro seguindo o SV. (Exceção feita a RIBEIRO, 1956, p. 675) que afirma: "O advérbio essencialmente negativo é *não*, a que se ajunta na mesma proposição, com o fim de reforçar a negativa, o mesmo advérbio *não* ou outras expressões de sentido equivalente." (Grifo meu).

As negativas dupla e final não foram encontradas nos textos que cobrem o período que vai do século XIII ao XV, em que só se constata a negativa canônica. Ao descrever a ordem dos sintagmas em enunciados negativos no português trecentista, MATTOS E SILVA (1989, p.795 e 798-9) afirma que, "regra geral, a negação está expressa por *non* e vem imediatamente antes do verbo." Apresenta exemplos de enunciados negativos em que a partícula *non* coocorre com *ninguém* e *nenhum*, evidenciando que o reforço da negativa não é um fenômeno recente no português.

Vale a pena ressaltar a ocorrência (24 casos), na *Demanda do Santo Graal*, de um tipo de estrutura com dois morfemas negativos, em que um *nom* precede o SV e o outro vem no fim da oração, como em *nom boliu se pouco nom*. *Se ... nom* corresponde à atual conjunção *senão*, que, em sua forma primitiva, era grafada separadamente, com outras palavras intercaladas entre o *se* e o *nom*, causando a falsa impressão de uma única oração com dois morfemas *não*. É interessante observar que, mesmo que essa construção se afaste da que tratamos como negativa dupla, ainda assim o morfema *nom* ocorre em posição final na oração condicional, à semelhança do que ocorre com o segundo *não* da negativa dupla. Esse fato nos leva a supor que a distribuição do morfema negativo no fim da sentença não é uma inovação no português.

É nos textos da primeira metade do século XVI, mais especificamente, nos textos de Gil Vicente, que se dão as 7 ocorrências da negativa dupla, como:

(12) Velha. Enjeitas tu o fiar?

Isabel. **Que não hei-de fiar, não!** (*Quem tem farelos?*).

Como se sabe, a obra de Gil Vicente se aproxima da modalidade falada, visto reproduzir, com freqüência, personagens rústicos, populares, e trazer para a escrita elementos próprios da oralidade.

Algumas observações preliminares podem ser feitas com relação aos fatores motivadores da ocorrência da negativa dupla. Verificou-se, por exemplo, que das 7 negativas duplas, 3 ocorrem em contextos de resposta direta a uma pergunta, fator que favorece a ocorrência da negativa final no *corpus* sincrônico, como em (12) e (13):

(13) Tor. Que comedes, que, doente?

Brá. **Que não comede nada não.** (*Auto dos Físicos*).

É interessante notar, em 5 das 7 negativas duplas, o uso da vírgula entre o SV e o segundo morfema *não*, como em (12) e (14):

(14) Vel. **Não levou má ora, não,** mas estávamos concertados.  
(*Auto da Festa*).

A vírgula sugere que o segundo morfema negativo não é interpretado como fazendo parte do SV, mas a este é acrescido para enfatizar seu valor negativo. Segundo minha hipótese, a reanálise do segundo *não* – primariamente um elemento de reforço – como um constituinte da sentença negativa pode ter dado origem à emergência da negativa final a partir da negativa dupla. Contudo, é preciso cautela na confirmação dessa hipótese já que o português arcaico não possuía um padrão ortográfico totalmente fixo; cotejando edições diferentes de Gil Vicente, pude observar que sentenças negativas duplas que tinham a vírgula em uma delas eram transcritas sem esse sinal gráfico em outra.

O exame dos textos *Auto dos dous ladrões* e *A vingança da cigana* constatou a ocorrência de 3 e 2 negativas duplas, respectivamente, todas em situação de diálogo.

Os fatos discutidos até aqui sustentam a trajetória de mudança implicada na variação sincrônica das estratégias de negação do PB. Primeiro, a negativa pré-verbal mais antiga, gramaticalizada, é a mais freqüente tanto na fala quanto na escrita. Segundo, tanto a negativa dupla quanto a final são usadas em contextos restritos na fala: os casos de duplo *não* em meus dados sugerem que esse padrão é favorecido em contextos que correspondem a uma pausa temática, isto é, trechos em que há uma suspensão, interrupção ou digressão da cadeia tópica principal, enquanto o contexto de uso específico da negativa final é o de resposta a uma pergunta direta. Terceiro, ambas as negativas duplas e finais são raras em textos escritos. Finalmente, as negativas dupla e final são mais freqüentes na fala de estudantes mais jovens (cf. Furtado da Cunha, 1996). Note-se que o uso de negativas duplas se expande por todo o Brasil, enquanto as negativas finais são mais características das variantes nordestinas (cf. Roncarati, 1996 e Alkmim, 1999 sobre as construções negativas na fala do Ceará e na cidade de Mariana (MG), respectivamente). Assim, diferenças regionais também estão envolvidas no uso das estratégias de negação. Uma vez que se pode atestar a negativa dupla, que postulamos como um estágio intermediário, em vários pontos do Brasil, a emergência da negativa pós-verbal em outras regiões não seria surpreendente.

É importante enfatizar que, ao menos em textos escritos, a negativa dupla não é uma construção exclusiva do PB, podendo ser atestada não só no português arcaico, como também no PE do século XVI e no PE atual, em contextos de uso semelhantes aos do PB. A diferença básica entre o PE e o PB tem a ver com o uso da negativa dupla, que parece ser muito mais freqüente no PB do que no PE.

### Motivações competidoras no domínio da negação

É comum, em orações negativas, a reduplicação da negação, como em:

(15) ... eu num... num sou nada contra [o vestibular]... (*Corpus D&G/Natal*, fala, 2º grau, p. 201).

(16) ... porque o médico disse que ela não podia levar nenhuma pancada... (*Corpus D&G/Natal*, fala, 2º grau, p. 223).

Da mesma forma, o *não* pós-verbal é originalmente introduzido na negativa como um elemento de reforço opcional. À medida que a frequência de ocorrência desse padrão aumenta, o marcador pós-verbal perde sua natureza enfática e se torna regular. Assim, a negativa dupla deixa de ser um modo "inesperado" de reforçar um ponto discursivo e começa a ser interpretada como o modo "normal" de procedimento. Via abdução, o falante cristaliza – ou gramaticaliza – o segundo *não* como parte da própria estrutura negativa. Temos, então, estágios sucessivos de reanálise para as construções negativas, em um processo contínuo de mudança na atribuição de fronteiras (cf. Hopper & Traugott, 1993).

Pode-se observar que o marcador negativo está sofrendo um processo de redução fonológica. No discurso falado rápido, o *não* tônico é enfraquecido para *num*, conforme o quadro 4, que exhibe os números relativos ao D&G/Natal:

QUADRO 4: Realização do *não* nas negativas padrão e dupla

Negativa padrão		Negativa dupla	
<i>não</i>	812 (49%)	<i>não</i>	21 (12%)
<i>num</i>	844 (51%)	<i>num</i>	159 (88%)
Total	1656 (100%)	Total	180 (100%)

A negativa dupla funciona como uma "pista" dada pelo falante para que o ouvinte interprete corretamente o enunciado negativo, assegurando a processabilidade. Para reforçar a informação negativa, ou seja, a quebra da expectativa do ouvinte, o falante acrescenta um segundo *não* no fim da oração. Esse marcador pós-verbal pode ser visto como uma estratégia para restaurar o desgaste fonológico do *não* pré-verbal e seu conseqüente enfraquecimento semântico, restabelecendo, assim, a iconicidade. A corrosão do marcador negativo pré-verbal pressionaria a emergência e posterior fixação do marcador final. A negativa dupla emerge, então, como uma codificação icônica que restabelece a correlação entre forma e conteúdo.

A realização *num* do marcador negativo é um fenômeno presente em diversas variantes do PB e do PE falado. Nascentes (1922) e Amaral (1920) afirmam que o operador *não* é pronunciado *num* quando colocado antes do verbo, não só no PB como no centro e norte de Portugal. Ramos (1997), com base em uma amostra da fala de Belo Horizonte (MG), analisa a variação na pronúncia *não/num*. Mata (1997) investiga a alternância das formas *não* e *num* no *corpus* do Projeto VALPB (Variação Lingüística no Estado da Paraíba).

A redução fonológica do *não* pré-verbal tem duas conseqüências relacionadas. Primeiro, o marcador pós-verbal enfático é reanalisado como um constituinte da sentença negativa. Segundo, dado o seu enfraquecimento fonológico, o próprio marcador pré-verbal é reinterpretado como um elemento opcional, o que leva à emergência da construção SV + *não*. Esses estágios de reanálise estão representados em (17):

- (17) [[não + SV] não] > [não + SV + não] > não [SV + não] > [SV + não]

Dada essa trajetória, uma questão se coloca: como garantir que a direção na emergência da negativa dupla é da esquerda para a direita e não o inverso? Ou seja, é o desgaste fonológico do primeiro *não* que motiva a fixação do segundo ou é a introdução do segundo *não* que faz o primeiro enfraquecer? Dois fatos servem como evidência para a primeira alternativa: a existência de construções como *quero nada* (cf. 18-20) e a realização *num* do marcador da negativa padrão (cf. quadro 4).

Uma evidência do caráter originalmente enfático do *não* pós-verbal é o fato de, na escrita, esse elemento geralmente vir separado da construção negativa por meio de vírgula. A vírgula é uma tentativa de representar a pausa da fala, que deixa o *não* fora da fronteira do SV, conforme o primeiro estágio em (17). A pausa, nesse caso, funciona como um recurso prosódico que indica iconicamente que o marcador negativo se aplica a toda a sentença, e não apenas ao V. A perda da pausa entre constituintes, como no segundo estágio em (17), em que os dois marcadores negativos fazem parte de um mesmo contorno entonacional, é motivada pela repetição freqüente da construção. As ocorrências da negativa dupla em textos escritos alternam entre o uso ou não de vírgula entre o V e o segundo *não*, como nos exemplos (4-9). Essa oscilação aponta para o fato de que a reanálise do *não* final como um elemento integrante do SV ainda está em processo.

Note-se que há um outro padrão negativo no português em que o *não* pré-verbal é omitido e o único marcador negativo é o pronome *nada*:

- (18) ... no dia que eu soube que ele tinha me colocado [chifre]... num quis conversa... não fiz nada... sabe? nenhum... um drama assim... fui cobrar nada dele... (*Corpus D&G/Natal*, fala, 2º grau, p. 229).

- (19) E: num pegou catapora não?

I: peguei nada... (*Corpus D&G/Natal*, fala, 2º grau, p. 231).

Esse tipo de construção ocorre também em textos escritos menos formais, como o exemplo extraído de uma entrevista da Revista *Bundas*:

- (20) Os três poderes e as duas instituições que fazem o controle do estado se transformaram num clube controlado pela banda podre, e nós achando que tem algum estado funcionando. **Tem nada.** Pode roubar à vontade, a impunidade é garantida! (*Bundas*, ano 1, nº 41, 28/3 a 3/4 de 2000).

Casos como esses parecem confirmar a hipótese de enfraquecimento fonológico e conseqüente eliminação do *não* pré-verbal. A tendência geral em reduzir o número de marcadores que expressam a mesma função gramatical explica o fato de o *não* pré-verbal não ser mais um marcador negativo obrigatório. A omissão desse marcador assinala uma

mudança no domínio funcional da negação. A perda de marcadores é invariavelmente precedida por um estágio em que o uso desses morfemas é opcional, isto é, ele pode ou não ser usado sem diferença substancial de significado, como se dá com as três estratégias de negação.

A hipótese da motivação prevê que a diferença em forma corresponde, de algum modo, à diferença em significado. Quanto maior a distância formal entre dois elementos, o SV e o operador *não*, maior a distância conceitual entre as noções que eles representam. Assim, no primeiro estágio de (17), uma pausa separa o SV do *não* final, cujo escopo é toda a sentença. No segundo estágio, esse *não* está dentro da fronteira do SV e, portanto, conceitualmente mais próximo. No último estágio, o *não* final está formalmente mais distante do V, em termos de número de morfemas intervenientes, e, portanto, conceitualmente mais distante também. Daí a falsa impressão inicial de uma asserção afirmativa na interação comunicativa. É somente quando o enunciado está completo que o ouvinte é informado de que a asserção é negativa. No caso da negativa final, a complexidade formal – representada pela subversão da ordenação canônica do operador *não* – corresponde à maior complexidade cognitiva: a indicação da quebra da expectativa do ouvinte, que é adiada ou suspensa para o fim do enunciado. Do ponto de vista psicológico, é mais relevante afirmar um fato do que negá-lo ou desmenti-lo. A negação acrescenta complexidade cognitiva, que se reflete num aumento de complexidade gramatical ou morfológica. Do ponto de vista estrutural, parte-se de uma construção morfológicamente mais pesada e fonologicamente mais longa e distinta – a negativa dupla – para outra que é mais leve, mais curta e menos distinta – a negativa final.

Na literatura, encontram-se várias referências ao processo de reforço, ou de marcação redundante, na negação de muitas línguas (cf. Schwegler, 1991 e Hopper & Traugott, 1993, entre outros). O fenômeno não é, portanto, exclusivo do PB vernacular. A introdução de elementos enfáticos na negação é geralmente explicada pelo fato de que os enunciados negativos quase sempre pressupõem o enunciado afirmativo correspondente no contexto, seja explícita seja implicitamente (cf. Givón, 1979). A asserção negativa contrasta com a pressuposição positiva e portanto induz uma ênfase na asserção negativa. Assim, os marcadores negativos entram no sistema de negação como indicadores da rejeição enfática da expectativa explícita ou implícita do ouvinte. Via reanálise, o operador enfático original se torna mais tarde um operador regular, e o marcador negativo originalmente obrigatório é omitido. O exemplo clássico citado é a construção negativa do francês, em que os pares *ne ... pas* e *ne ... point* circundam o verbo, como em *je ne chante pas*.

As semelhanças entre o ciclo de negação no francês e no português brasileiro sustentam a interpretação de que a negativa dupla em português representa um estágio de transição no processo de gramaticalização. Após um período de estabilidade relativa desse padrão, com a coocorrência dos dois marcadores negativos, é possível que o *não* que antecede o SV seja completamente omitido na fala, via reanálise, tendo com resultado a estrutura SV + *não*, que, por sua vez, passa a sofrer o processo de

gramaticalização, a exemplo do que se deu no Francês.

O movimento em direção à omissão do marcador negativo mais antigo é freqüentemente explicado como uma tendência a eliminar a redundância não-funcional. O fato de que o *não* pré-verbal pode deixar de ocorrer no PB assinala um desenvolvimento na direção de sua eliminação. Sua perda é motivada pela erosão fonológica e semântica. Esse desenvolvimento se correlaciona com o fator pragmático de freqüência de uso e pode ser explicado em termos de motivação econômica.

A concepção de gramática como uma estrutura emergente reconhece a interação das motivações que operam na língua. De acordo com essa orientação, a gramática de uma língua natural é concebida como um sistema que se adapta a pressões internas e externas ao sistema, que continuamente interagem e se confrontam. As mudanças lingüísticas são, em muitos casos, resultado da interação entre pressões internas e externas. O processo de regularização das formas lingüísticas representa um aspecto interno da gramática, de acordo com o princípio estabelecido por Du Bois (1985) de que padrões discursivos recorrentes exercem pressão sobre padrões estruturais. Ou, em suas palavras, "as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais". Para Givón (1995), que compartilha o mesmo ponto de vista, a língua é uma arena interativa, onde sub-sistemas competidores encontram seu equilíbrio dinâmico em um compromisso eclético.

Nesse contexto, admite-se a existência de motivações que competem por um determinado domínio funcional. De um lado, há uma tendência em maximizar a informatividade; do outro, há uma tendência em maximizar a economia. Assim, as pressões por informatividade ou clareza estão em competição com as pressões por economia ou simplicidade. Tendo o ouvinte como meta, o falante procura ser informativo e claro para atingir seus propósitos comunicativos. Ao mesmo tempo, da parte do falante há uma tendência em reduzir o sinal falado no discurso rápido, o que resulta em desgaste fonológico e conseqüente desbotamento semântico. A economia se correlaciona, pois, com rotinização, perda semântica e aumento na freqüência de uso de um item ou construção. Economia, eficiência comunicativa, rotinização são exemplos de motivações pragmáticas que dizem respeito à relação entre a língua e seus contextos de uso ou, mais especificamente, à negociação do significado entre falante e ouvinte no ato comunicativo. Tais necessidades e restrições do falante e do ouvinte configuram a forma da língua. A economia é assumida como um fenômeno de processamento. A eficiência no processamento, tanto para o falante quanto para o ouvinte, aumenta pelo encurtamento de formas mais comuns (estruturalmente não-marcadas) e simplificação das formas menos usadas. A iconicidade também é uma questão de processamento: é mais eficiente que a língua seja paralela à estrutura da experiência. Segundo Givón (1985), uma experiência codificada é mais fácil de estocar, reter e comunicar se o código for maximamente isomórfico à experiência (princípio da meta-iconicidade). A abordagem funcional concebe a estrutura lingüística como uma resposta adaptativa a pressões funcionais, em particular, adequação e eficiência. No processo

de gramaticalização, as unidades lingüísticas perdem progressivamente em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, enquanto ganham em regularização e, portanto, em velocidade de processamento.

O estudo da negação revela a interação de duas motivações que competem por esse domínio funcional, uma na direção da restauração da iconicidade e a outra levando a uma perda da iconicidade, num movimento em direção à economia. Por um lado, dada a redução do ditongo do *não* pré-verbal, a pressão por clareza leva à emergência da negativa dupla, em um movimento em direção à iconicidade (maximização da informatividade); por outro, a exigência de rapidez na produção do discurso motiva o desenvolvimento da negativa pós-verbal, em um movimento contra a iconicidade (maximização da economia). A omissão do *não* pré-verbal fere à questão da relevância no sentido de que a negativa assinala contra-expectativa ou rejeição do pressuposto e, portanto, informação relevante. Em outras palavras, a posição final do marcador negativo não corresponde ao ponto de aterrissagem, na oração, da informação relevante. A perda de transparência da mensagem é compensada pelo ganho em velocidade de processamento da informação. Assim, a economia discursiva supera a transparência semântica como motivação para a negativa pós-verbal. Com respeito à presença do marcador negativo, então, a negativa dupla é icônica, enquanto a negativa final é econômica. A aparente arbitrariedade da negativa final é diacronicamente motivada, se admitirmos que a direcionalidade da mudança na negação vai da negativa pré-verbal à negativa dupla e daí à negativa pós-verbal. Temos, desse modo, uma série de mudanças, das quais uma leva em direção à restauração da iconicidade (negativa dupla), enquanto a outra leva a uma perda da iconicidade (negativa final).

### Considerações finais

O estudo das estratégias de negação do PB se insere no debate teórico sobre a mudança lingüística que se desenvolve em torno da questão de se construções características do PB decorrem de uma base crioula ou se seriam o resultado de mudanças naturais a que qualquer sistema lingüístico está sujeito.

A gênese de negativas duplas e finais nas línguas românicas tem sido apontada como um traço de crioulação resultante da influência da estrutura de línguas africanas. Schwegler (1991) relaciona a existência das negativas duplas e finais no PB, no Francês, em alguns dialetos italianos e em outras línguas hispano americanas, faladas na Colômbia, em Cuba e São Domingos, ao contato com línguas africanas, o que evidenciaria a origem crioula do PB. Para esse autor as duas negativas pós-verbais do PB estão associadas a funções pragmáticas distintas: a negativa padrão, pressuposicionalmente neutra, é usada para negar uma asserção, enquanto as negativas dupla e final, pressuposicionalmente marcadas, são usadas para rejeitar uma expectativa (explícita ou implícita) no discurso precedente. Diferentemente, para Furtado da Cunha (1996), as três construções nega-

tivas se sobrepõem funcionalmente no que diz respeito à sua motivação discursiva.

Alkmim (1999) investiga a ação dos fatores etnia e mobilidade geográfica no processo de mudança em curso das estratégias de negação com base em um *corpus* coletado na cidade de Mariana (MG), que atesta a existência das negativas pré-verbal, dupla e final. Sua análise descarta o argumento de Schwegler, optando por explicar essas estruturas negativas como resultado de mudanças lingüísticas internas ao sistema das línguas românicas.

A análise dos fatos aqui desenvolvida sugere que a negativa dupla, característica da norma vernácula brasileira, já estaria prefigurada no português europeu, evidenciando a atuação do princípio do uniformitarismo. Diferentemente do PE, o PB vernacular teria avançado a mudança embrionária do sistema de negação presente no português que veio da Europa, hipótese plausível dada a deriva secular das línguas românicas.

De origem neogramática, o princípio do uniformitarismo tornou-se um ingrediente essencial em grande parte das pesquisas lingüísticas históricas (cf. Labov, 1994). Ele prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores da língua e possivelmente continuarão a atuar. A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pelo paradigma da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sócio-cultural e comunicativa que norteiam a mudança. Nesse sentido, pode-se falar em pancronia, ou leis gerais que se fundamentam em bases não exclusivamente estruturais, e admitir que há transformações que ocorrem em todos os tempos e lugares (cf. Furtado da Cunha, Oliveira & Votre, 1999). Desse modo, a compreensão da mudança na ordenação dos constituintes de uma sentença negativa tem que considerar não só a estrutura sintática mas, sobretudo, fatores extra-sintáticos, como os contextos discursivos de uso dos padrões negativos.

Em síntese, sugiro os seguintes estágios no desenvolvimento das negativas pós-verbais no PB, motivados por fatores de natureza diversa, pragmáticos, cognitivos, sintáticos e fonológicos:

1. reforço opcional da negação através de acréscimo de *não* pós-verbal;
2. reanálise do *não* pós-verbal como elemento obrigatório via repetição de uso;
3. redução fonológica do *não* pré-verbal;
4. eliminação da redundância através da omissão do *não* pré-verbal.

As estratégias de negação no PB refletem algumas das características mais salientes da gramaticalização, tais como: a) sobreposição, que se refere à coexistência de várias camadas do mesmo fenômeno gramatical; b) enfraquecimento fonológico e semântico de uma forma como gatilho para a emergência de uma nova forma funcionalmente equivalente; c) proces-

mos morfossintáticos que levam à iconicidade entre forma e função e, finalmente, d) reanálise, através da qual um marcador originalmente opcional passa a ser usado como um marcador regular.

O modelo das motivações competidoras permite interpretar a ocorrência das três construções negativas como resultado do conflito entre iconicidade e economia. Não é necessário, portanto, recorrer à influência de falares crioulos para justificar a existência desses padrões negativos no PB. Junte-se às evidências arroladas acima o fato de que, como corretamente argumentam Naro & Scherre (2000), parece improvável que tenha existido uma língua pidgin ou crioula de base lexical portuguesa e gramática africana associada predominantemente com a etnia afro-brasileira que não tenha deixado nenhum registro. Além disso, sabe-se que as populações africanas no Brasil eram geograficamente muito concentradas: logo, seria de se esperar que as negativas dupla e final se circunscrevessem às regiões brasileiras que apresentavam maior contingente de escravos por volta do século XIX, o que não acontece, ao contrário do que afirma Schwegler (1991). Em Natal e Fortaleza, que registram ocorrência freqüente desses padrões negativos, por exemplo, não houve concentração de escravos de origem africana.

### **Abstract**

*The existence of postverbal negation in Romance languages has been accounted for in terms of contact with African languages. This work aims at providing evidence that the emergence of double and final negatives in Brazilian Portuguese (BP) is the result of a process of change motivated by the interaction of rival pressures on the linguistic system. The analysis combines synchronic and diachronic data and is based on the model of competing Motivations, as formulated in the framework of Contemporary Functional Linguistics by Haiman (1985), Du Bois (1985) and Givón (1995).*

*Keywords: variation; change; negation; functionalism.*

### **Referências**

ALKMIM, Mônica. *Ação de dois fatores externos no processo de mudança em negativas sentenciais no dialeto mineiro*. Trabalho apresentado no II Congresso Nacional da ABRALIN: UFSC, 1999.

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora "O livro", 1920.
- ARAGÃO, Maria do Socorro de & SOARES, Maria Elias (orgs.). *A linguagem falada em Fortaleza*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996.
- BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- BUESCO, Leonor (org.) *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*. Porto: Imprensa Nacional, 1984.
- CAPORALINI, Domingos. *A vingança da cigana*. Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1749.
- CUESTA, P. V. & LUZ, M. A. M. da. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- DUBOIS, John W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.) *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria Maura. (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios & VOTRE, Sebastião Josué. A interação sincronia / diacronia no estudo da sintaxe. *D.E.L.T.A*, v. 15, p. 85-111, 1999.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- \_\_\_\_\_. Iconicity, isomorphism and nonarbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- \_\_\_\_\_. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOMES FILHO, Antônio. *Um tratado da cozinha portuguesa do século XV*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.
- HAIMAN, John. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change - internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LISBOA, Antônio de. *Auto dos dous ladrões*. Edição crítica preparada por Edwaldo Cafezeiro. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.
- LOPES, Fernão. *Crónica de D. Fernando*. Lisboa: Clássica, 1963a.
- \_\_\_\_\_. *Crónica de D. Pedro I*. Lisboa: Clássica, 1963b.
- MATA, Ariadne Costa da. *A variável de negação na cidade de João Pessoa*. Trabalho apresentado no I Simpósio de Estudos Lingüísticos (SNEL): UFPB, 1997.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: INCM, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. v. 2. São Paulo: USP. Tese de Doutorado, 1971.
- MOTA, Jacira & ROLLEMBERG, Vera. *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.
- MIRA MATEUS, Maria Helena. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. *Anais II Congresso Nacional da ABRALIN*, 2000.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Livraria Científica Brasileira, 1922.
- NASCIMENTO, M. F. B., MARQUES, M. L. G. & GRUZ, M. L. S. (orgs.). *Português fundamental*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
- NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*. Lisboa: Clássica, 1943.
- NUNES, Irene Freire (ed.). *A demanda do Santo Graal*. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.
- PAIVA, Maria da Conceição. (org.). *Amostras do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- RAMOS, Jânia. *A alternância "não" e "num" no Dialeto Mineiro: um caso de mudança lingüística*. Trabalho apresentado no I Congresso Nacional da ABRALIN: UFAL, 1997.
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticaes ou Nova gramática portuguesa*. Bahia: Aguiar & Souza Ltda, 1956.
- RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. In: MACEDO, A., C. RONCARATI & MOLLICA, M. C. (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
- SABINO, Fernando. *O gato sou eu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
- SCHWEGLER, Armin. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese - a change in progress. *Orbis*, v. 34, p. 187-214, 1991.
- VOTRE, Sebastião Josué & OLIVEIRA, Mariângela Rios (orgs.) *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita e na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFF, 1998. Mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Corpus Discurso & Gramática - a língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. Mimeo.